

PRÁTICAS ATELIERISTAS: ALIANDO ARTE E A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA¹

Rafaella Ramos Peraça ²

Semíramis Martins Corrêa ³

RESUMO:

Este estudo surgiu da inquietação da pesquisadora em relação as práticas construídas na educação infantil e o tipo de amadurecimento destas crianças no âmbito da construção de seus conhecimentos. Ele teve por objetivo pesquisar sobre como a cultura do ateliê pode permear e fazer parte do cotidiano escolar das crianças e como os professores podem direcionar suas práticas a arte inserindo os ateliês a fim de possibilitar experiências de autonomia e livre expressão. A pesquisa realizada para contemplar esse objetivo parte da inspiração na abordagem de Reggio Emilia, que considera a cultura do ateliê, não somente como momento que se vivencia a arte, mas compreendendo-o como parte de um sistema de expressividade e autonomia que precisa ser considerado desde a educação infantil para um desenvolvimento efetivo e evolutivo. A metodologia abordada constitui-se de natureza bibliográfica caracterizada como participante, que utilizou como instrumento de pesquisa, bibliografias e a experiência de estágio na educação infantil, contendo portanto reflexões que possam contribuir acerca dessas práticas e se obtenha novas perspectivas no desenvolver das mesmas de forma que seja proporcionado esse desenvolvimento e autonomia das crianças.

Palavras-chaves: Ateliês, Educação Infantil, Arte-natureza e Pandemia

1 INTRODUÇÃO

Esta proposta de pesquisa surge a partir das experiências vividas, em primeiro momento como estagiária em uma Escola de Arte na cidade de Bagé na qual tinha em sua proposta pedagógica a arte como elemento organizador do cotidiano de ensino-aprendizagem das crianças. Nesse lugar tive bons e importantes encontros com professores que atuavam nesta instituição na qual

¹ Este artigo é requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), unidade universitária em Bagé/RS, em 2021/2.

² Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia pela UERGS. E-mail: rafaella-peraca@uergs.edu.br

³ Orientadora. Mestra em Ensino. Professora voluntária da UERGS. E-mail: semiramis-correa@uergs.edu.br

suas práticas voltadas para arte e seus modos de ser educadores-artistas me inspiram nessa jornada de constituição docente.

Em segundo momento o que me joga nesta pesquisa e me convoca a olhar para a arte como elemento potencializador das práticas da educação infantil foram as vivências experimentadas enquanto aluna da graduação em Pedagogia desta instituição nas disciplinas nas quais aprendi sobre arte, criação e brincar.

Compreendo a arte como uma das formas de linguagem que fala fortemente sobre aqueles sujeitos que usam dela para comunicar desejos, expressões, sentimentos e acredito nela como um eixo fundamental para o trabalho na Educação Infantil e quando me refiro assim, falo da música, a expressão corporal, expressão artística e todos outros enredos que nos dão oportunidade para que possamos nos expressar e experimentar outros modos de ser e existir. Assim, por acreditar na potência das artes, é que direcionei minha pesquisa sobre a importância dos ateliês como dispositivos de desenvolvimento das crianças.

O ateliê que aqui me refiro tem em sua proposta uma cultura provocadora e transgressora e é inspirada nas propostas de ateliês e mini-ateliês tão citados na abordagem de Reggio Emilia⁴. Procurei nesse processo de investigação promover experiências através de atividades lúdicas, explorando o imaginário, a criatividade e o artístico por intermédio de ateliês para que as crianças investigassem e vivenciassem a natureza e o local onde vivem assim, propiciando novas experiências para que aprendessem a se expressar através da perspectiva da criação tendo como ponto de partida a arte. Acredito que este trabalho buscou o movimento de olhar para a natureza e o brincar para além das telas, algo tão presente na vida cotidiana das crianças, num sentido de olhar para outras potencialidades possíveis do inventar, se expressar, do fabular, imaginar e materializar: brincar!

E é exatamente essa a discussão que venho propor neste projeto, pois o que é para uma criança participar de um ateliê e entrar em contato com a arte através de um ambiente (des)organizado para que ela possa se expressar e criar

⁴ Reggio Emilia é uma cidade do nordeste da Itália na região de Emilia Romagna. Tornou-se conhecida por possuir um sistema municipal de educação para a primeira infância que é aclamado como um dos melhores do mundo atualmente.

de maneira livre e espontânea? O que é para um educador se inspirar numa cultura do ateliê e possibilitar essas experiências para as crianças?

Então além de expressar meu grande apreço a prática dos ateliês, reflito nessa pesquisa de forma mais aprofundada o trabalho realizado em meu período de estágio obrigatório na Educação Infantil, exatamente nessa perspectiva a fim de compartilhar práticas desenvolvidas através dessas vivências e experimentações artísticas que aqui abordo.

2 EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA:

Desde março de 2020 entramos em um momento delicado não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Uma pandemia que devastou famílias e deixa um País marcado por uma severa crise sanitária e governamental, na qual também refletiu na educação. Tudo que antes fora presencial tornou-se remoto. Separados por uma tela executamos relações de trabalho e de estudo. As escolas de um dia para o outro se transmutaram do presencial para o virtual. O espaço físico já não mais fazia parte do nosso dia a dia, e passamos a nos ver e perceber o outro do tronco para cima. Imaginamos corpos, alturas afinal, somos um apanhado de quadrados que lutam para caber numa tela, na grande maioria, de 6 polegadas. Do cotidiano pulsante e cheio de memórias, aromas, sabores passamos a viver e nos ver na palma da mão. O quadro, antes livre e a espera de a cada dia uma nova possibilidade riscante deu lugar para slides e apresentações. Mas nesse processo, não nos reinventamos por completo, até mesmo voltamos ao “confortável”, ao expositivismo! Achamos estratégias para nos conectar, nos aproximar mas, ainda vivíamos uma escola nos seus moldes do presencial. O peso da tradição ainda pairava sobre nossos ombros. E incomodou, foi sofrido, desacomodou, inquietou, não! Não, a escola não pode mais ser assim, tão fechada, tão engessada, tão retangular!

Foi (e ainda é) um desafio e tanto. Segundo dados da PNAD (IBGE, 2018), 20,9% dos domicílios brasileiros não têm acesso à internet, isso significa cerca de 15 milhões de lares. Em 79,1% das residências que têm acesso à rede, o celular é o equipamento mais utilizado e encontrado em 99,2% dos domicílios, mas muitas famílias compartilham um único

equipamento. E com esta nova modalidade de ensino se teve que optar entre deixar todos os alunos sem aula ou excluir uma quantidade de alunos da educação pois os mesmos não obtinham o material necessário para fazer parte destas aulas, e nessa forma de intervenção educativa está respaldada em relatórios de organismos como o Banco Mundial cerca de 1,5 bilhão de estudantes ficaram sem aulas em quase 160 países (RAMAL, 2020).

E a pandemia de fato perpassou a minha experiência discente e docente, logo que fui para estágio, onde produzo os dados dessa pesquisa, e me deparo com uma docência nesses moldes: planejamentos prontos, crianças que não acessam as salas remotas pelo fato de serem financeiramente comprometidas e assim não ter acesso a internet. Forte e graves crises surgiram e nos escancararam a fragilidade do acesso à educação em nosso País.

Infelizmente desenhar, pintar, ter espaços de lazer, ter internet para participar de aulas não é uma realidade de todos os alunos inseridos nas escolas, embora haja muitas escolas de educação infantil privadas, as escolas de educação infantil públicas do município ficaram fechadas por um período de tempo bem mais longo, o que resultou em vários problemas de desenvolvimento nas sínteses da BNCC de critério a transição da educação infantil para o ensino fundamental o que ajudou ainda mais na desigualdade educacional do país. Diante dessa lacuna na formação cognitiva das crianças, repensar essas questões de estruturação curricular e pedagógica se faz importante e urgente. Cabe ao estado, as secretarias de educação fazer novos planos educacionais para que estas crianças tenham uma oportunidade de melhorar em relação ao tempo e aulas perdidas, uma vez que estas crianças deveriam passar de ano ou como muitas inseridas nas escolas que foram para o ensino fundamental e irão fazê-lo novamente por falta de pré requisitos para passarem para o segundo ano.

E é partindo dessa perspectiva que precisamos ter a preocupação de cumprir com as sínteses básicas da BNCC para tal categoria mesmo em formatos e ambientes distintos, sejam eles formais ou não-formais, cabe ao professor estudar métodos diferentes de aplicação de trabalhos com ensino-aprendizagem ativos inovando e aprimorando essas práticas dentro e fora de sala de aula.

3 A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A arte é uma importante linguagem das infâncias, pelo modo como sua prática convida a criação, a invenção, o imaginativo, a fabulação, a expressão, a experimentação além de conectar corpo, mente e movimento. O quão importante e transformador é esse encontro das crianças com esses movimentos, de forma que não seja apenas “o dia que a profe deixa sujar a roupa” e sim os dias em que as crianças exploram e utilizam do corpo para investigação, expressão e novos conhecimentos.

É necessário que o professor seja um “estudante” fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender. Nesse sentido, um professor mobilizado para a aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes.” (Lavelberg, 2003, p.12).

Desde muito pequenas, as crianças já percebem diferenças de cor, forma de objetos, não há algo bonito ou feio na visão delas. O binarismo não cabe no processo de criação artística, algo que está presente na vida das crianças desde de um tempo muito tenro.

Queiramos ou não, é evidente que a criança já vivencia a Arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano. É óbvio que essa Arte exerce vivas influências estéticas na criança. É óbvio, também, que a criança com ela interage de diversas maneiras “(FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 43).

A arte está constantemente ligada a tudo o que a criança precisa para o seu desenvolvimento social, cognitivo e corporal. A expressão, a fala, entre outros objetos de extrema importância para a sua convivência e experiência social, compreender até mesmo os próprios sentimentos através do estudo para diferenciar o real da fantasia, o que é e como se expressar por meio de suas ações e utilizá-la como uma ferramenta de desenvolvimento do cérebro, emocional.

O fazer artístico não se restringe a pintar um quadro, compor uma música, encenar uma peça de teatro e assim por diante. O fazer artístico é também se deter numa pintura/desenho/colagem; é ouvir ou dançar uma música; é assistir uma encenação teatral e assim por diante. Toda essa relação de fruição é também fazer arte. É também exercício de criação(4), de produção de conhecimento. (CAMPOS, OLIVEIRA e BOITO, 2021)

Para Horst (2002) a arte é uma área que abrange uma variedade de elementos relativos à vivência do ser humano, que dizem respeito ao desenvolvimento e aprendizagem do mesmo e que, relacionados a diversos aspectos, promovem o progresso cultural e psicomotor da criança. Isso implica que a Arte visual permite que haja liberdade de cunho emocional e racional no indivíduo, provenientes do uso da linguagem simbólica ocasionando na integração entre cognição e afetividade. Trabalhar com arte desenvolve potencialidades, sensibilidades, tais como a afetividade, ajudando também no desenvolvimento da autonomia, senso crítico.

Trabalhar com arte desenvolve potencialidades, tais como a afetividade ajudando também no desenvolvimento da autonomia e senso crítico. Este desenvolvimento principalmente nos primeiros anos de vida da criança onde começa a ser desenvolvido para viver em sociedade onde os mesmos precisam desta preparação para o pensar, agir, expressar faz com que tenhamos que refletir mais sobre a sua importância. Devido essa importância, a BNCC (2017) ressalta que o ensino das Artes na educação infantil possui o intuito de trazer a expressividade de diferentes linguagens artísticas, promovendo nas crianças um olhar perceptivo, a sensibilidade, e expressividade de diferentes formas.

A compreensão da arte e instigar esse olhar dos alunos também é um reflexo do professor e sua formação, desde a inicial até a continuada. Quando o mesmo é um educador-artista, ou seja, aquele educador que valoriza e enxerga na arte como uma forma de expressão, mais intensa será a construção de novos e outros repertórios. Mas para isso, é necessário um movimento docente na qual se olhe para a arte não apenas desenhos pós-histórias e pequenos e rápidos momentos onde as crianças pintam e sim um processo de criação deles (re)criação a partir do que foi vivenciado.

O professor deve conhecer a natureza dos processos de criação dos artistas, propiciando aos estudantes oportunidades de edificar ideias próprias sobre arte, enriquecidas de informações mediadas pelo professor, conforme o fazem os pensadores que refletem sobre a produção social e histórica da arte, como críticos, historiadores ou apreciadores. Cabe a escola reconstruir o espaço social de produção, apreciação e reflexão sobre arte, sem deformá-la a moldes escolares. (IAVELBERG,2003 p.12)

Ainda é um campo em emergência, tanto no que tange a formação inicial quanto a continuada, no entanto trabalhar com arte tem sido uma linha de fuga

que se conecta a outros campos e áreas de conhecimento. As artes são manifestações da sensível, são plurais e estão presentes de diversos modos presentes em distintos momentos históricos da humanidade. Assim penso ser esse um forte caminho de trabalho com as crianças pequenas, na qual tem seu currículo ancorado numa perspectiva interdisciplinar.

4 ATELIÊS COMO ESPAÇOS NA E DA ARTE

Os ateliês têm crescido no conceito de docentes da educação infantil. O que nos faz tentar encontrar mais estudos relacionados à temática levando em conta o desenvolvimento e autonomia que crianças com este tipo de aprendizagem, pois ateliês nada mais são do que locais criados para a criação que transgride regras. Nele pode conter todo e qualquer tipo de material que possa ser manuseado a fim de que valorize a criação.

Estou convencida de que incluir um ateliê no currículo escolar e dentro de um contexto cultural que considere as linguagens expressivas tão essenciais quanto (em vez de opcionais ou marginais) as disciplinas acadêmicas que costumam ser privilegiadas hoje pode tornar a experiência da aprendizagem e o processo educativo mais completos e mais integrais." (Vecchi, 2004, p 15)

O papel professor neste espaço é importante por se posicionar como o mediador ou articulador das práticas e projetos de expressão e exploração destas crianças. A estética destes locais, a organização dos materiais, a disposição geográfica do mobiliário, as experimentações que ali serão vividas compõem e são parte da intencionalidade dos ateliês. Um lugar que seja de convite para as crianças com o intuito de que as mesmas se sintam livres para expressarem-se das mais distintas e diversas formas e brincar livremente com os diversos tipos de materialidades ali existentes.

As maneiras nas quais as crianças inventam com materiais costumam ser inesperadas e surpreendentes; portanto, é importante que os adultos que trabalham com crianças adotem uma postura de liberdade e possibilidades ilimitadas em relação ao trabalho destas. O ambiente do ateliê pode facilitar novos entendimentos sobre os processos cognitivos e expressivos das crianças. Os produtos que as crianças fazem também podem ser bastante úteis para revelar seu conhecimento. (Schwall, 2012, p. 32)

A cultura do ateliê é irreverente, sem normas, desestabiliza o que está estabelecido e possibilita as crianças conceber outros e novos olhares sobre o real, além de ser um espaço que transgride, que rompe com a cultura do que é dado e tido como certo, com o estereótipo e principalmente, desconstrói hábitos na qual foram construídos em cima de certezas e nunca questionados no espaço da escola, e que apenas continuaram sendo reproduzidos. Ressalto que o planejamento desses espaços se constitui de forma diferente das salas de artes. Neste espaço a intenção é criar e não para aplicar ou executar técnicas artísticas e nem tem a intenção de produzir obras com as crianças.

Para que essas propostas do ateliê invadam as escolas como um todo é preciso que o adulto acredite no potencial criativo de cada criança que está com ele, é um exercício de escuta, empatia e percepção sob e com a criança, que intuí, imagina, cria e executa. Perceber que as crianças são capazes de criar, cada uma a seu tempo e a seu modo, por meio de inúmeras materialidades, linguagens, instrumentos e inspirações.

Na educação infantil refletindo a partir da Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil, os ateliês e a arte podem e devem ser contemplados na sua síntese, nos campos de conhecimento. Um ateliê possibilita um trabalho versátil mas ao mesmo tempo complexo no campo do desenvolvimento e do aprendizado, que pode ser de todos por se tratar de um lugar “[...]onde coisas artísticas acontecem. É um laboratório do pensamento (TOPAL e GANDINI apud BARRINGTON, 2012, p.66).

Assim, compreendo que é possível promover variados tipos de investigações partindo da arte como uma forma de produzir novos conhecimentos. Fica a critério do educador proporcionar momentos a seus alunos pensando “fora da caixa”, trazendo novos e significativas experiências para as crianças.

Cabe ao professor de arte, ao ensinar conceitos e princípios, criar múltiplas oportunidades de interação dos estudantes com esses conteúdos, variando as formas de apresentá-los, utilizando meios discursivos, narrativas, imagens, meios elétricos e eletrônicos, textos, enfim, o professor pode recorrer a todos os meios para informar sobre conceitos e princípios que deseja ensinar, ciente de que é o aluno quem transforma tais informações em conhecimento por intermédio de interesses sucessivos.’ (IAVELBERG, 2003 p.27)

A também que se pensar sobre os materiais do ateliê. Objetos da vida cotidiana tais como caixas de vários tipos, embalagens, rolos de tecido, cones de

linha, carretéis, tampinhas, recipientes plásticos e pedaços de objetos ou elementos da natureza que sirvam para compor as criações. Coleções, inventariar materialidades, cestas, bandejas, objetos que não fazem parte do repertório cotidiano das crianças como fios, arames, parafusos, pedaços de telas ou plásticos. Esse repertório infinito de materialidades não só amplia as possibilidades de exploração das crianças, como convida-as a investigações de outros modos possíveis de existirem no mundo.

5 O ATELIÊ NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB MEU OLHAR DE PESQUISADORA: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Diante do assunto discutido até então e da complexidade desta temática optei por realizar uma pesquisa narrativa, que conforme Clandinin e Connelly (2011) pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”.

Observando o período que estamos vivenciando, de distanciamento devido a situação de Pandemia ocasionada pela Covid-19 a pesquisa aqui presente se configurou desse modo pois conectei minha experiência de estágio da educação infantil, as práticas de criar pequenos ateliês com as crianças e assim promover situações de aprendizagem que fossem significativas e que cunhassem intencionalidade.

Com isso o primeiro momento da pesquisa foi de levantamento bibliográfico da temática. Nesse processo pesquisas foram realizadas em livros, bancos de teses e dissertações e documentos legais do nosso País me aproximei a discussão sobre o tema em questão e que me possibilitou ter mais proximidade e afinidade com a pesquisa, etapa essa importante para pensar nas situações práticas que foram pensadas e organizadas para as crianças.

Já o segundo momento da pesquisa refere-se a produção dos dados que se deu a partir dos encontros que foram realizados de forma on-line e envolveu

um grupo de 19 crianças, com idade entre 4 e 5 anos que frequentam a pré escola de uma escola de Educação Infantil da rede pública do município.

Logo, o método que utilizei para análise dos dados foi o qualitativo, pois ainda conforme Assis (s.d.) nesta abordagem o pesquisador preocupa-se em analisar e interpretar os dados em seu conteúdo, considerando uma relação entre o mundo real e o sujeito, e que não pode ser traduzido em números. Considero importante argumentar os dados, mais do que quantificá-los, pois é interpretando os fenômenos e os direcionando ao encontro de bibliografias e de hipóteses de outros autores que pretendo significar a presente pesquisa.

5.1 Sobre os ateliês: propostas cotidianas em uma vivência de estágio

A partir daqui narro a minha experiência enquanto pedagoga em formação. Saliento o quanto aprendi nesse processo de docência e pesquisa e que desvendei literalmente a teoria do quanto ensinar é muito mais sobre aprender, e que a docência é uma artesanaria que se constitui no diálogo, nas relações e que não cabe num preenchimento de folhinhas práticas essas tão institucionalizadas, comuns e corriqueiras no meio da Educação Infantil.

Aqui me jogo a viver a experiência do ouvir sensível, do pesquisar e do aprender com o outro seja ele grande ou pequeno, adulto ou criança. Essa pesquisa foi um deslocar e um viver à docência de outros modos possíveis. As experiências práticas foram como pequenos furacões que desacomodaram aquilo que já estava no campo do acostumado. A partir daqui narro a minha vivência de professora que se interessa pela arte, minhas descobertas como uma futura pedagoga-pesquisadora.

[...]é importante que o professor seja um pesquisador, por que nos desafios da escola contemporânea temos a pesquisa como sendo a própria maneira de educar, como um questionamento reconstrutivo da ação docente. Além disso, a concepção de pesquisa que buscamos desenvolver está intimamente relacionada às bases do planejamento docente. Ou seja, o professor-questionador e reflexivo planeja sua prática docente de forma criteriosa e vinculada às necessidades significativas do contexto a qual pertence. (HORN, 2007, p. 65).

Ao longo desse encontro fui me lançando alguns questionamentos, pois nesse momento tão delicado vivido que foi a Pandemia, será que fazia sentido as

crianças ficarem por horas na frente de telas e realizarem propostas circunscritas repletas de cópias?

Foi a partir de então que me questioneei:

- “onde está a arte da escola?”

- “onde está a arte em casa?”

- “onde foram parar as explorações, as hipóteses das crianças, seu processo de criação?”

- “que Educação Infantil está presente na vida destas crianças?”

Na escola, os espaços estão sempre em constante olhar de planejamento e reestruturação para que sejam atraentes e estimulantes para a criança. A partir do momento da Pandemia passamos a viver muito mais as nossas casas. E qual o nível de relação nós estabelecemos com ela? Os espaços de exploração se transformaram e com isso a minha visão de docência se reinventou.

Assim, a escolha de trabalhar com ateliês não foi aleatória e sim pensada a partir dessa exploração: o que minha casa pode me proporcionar. Com isso foram criados 5 propostas que se desdobraram em 3 ateliês, que se denominaram:

- Ateliê 1: **“O coisário da natureza”**

- Ateliê 2: **“Minhas cores, meu arco-íris...”**

- Ateliê 3: **“Tudo que eu achei, arte tornei...”**

Assim, descrevo detalhadamente o desenvolvimento de cada proposta com os ateliês que se deu pela preocupação com a valorização do brincar e a autonomia da criança, O seu contato com a natureza, o estimular o potencial criativo dessas crianças que além de estarem em uma pandemia, não têm mais o mesmo contato com a escola, locais de exploração sem ser o “dentro de casa”.

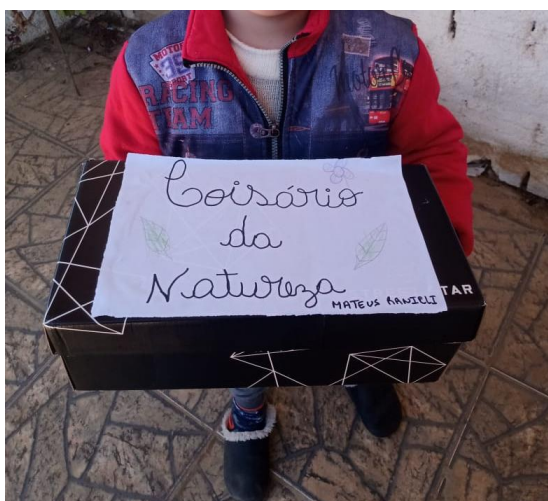
5.1.1 “O coisário da natureza”

O projeto se iniciou com a produção de um coisário da natureza. Essa proposta, que foi um convite feito as crianças que teve como objetivo organizar em

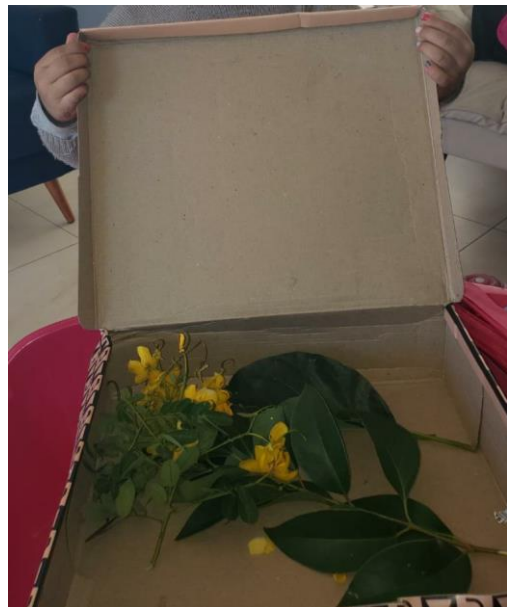
modo de coleção todas as materialidades e descartes da natureza, tais como folhas, terra, flores, cascas de árvore, gravetos, pedras, entre outros, ampliando assim o repertório de possibilidades de criação das crianças a fim de buscarem sempre nessa caixa as materialidades necessárias para as criações e experimentações seguintes.

De acordo com Carvalho (2021, p 44), “[...] as coleções possuem uma dimensão temporal.”, ou seja, as coleções se tratam de materialidades que narram memórias, contam histórias, tem um enlace afetivo.

A coleção realizada através desses coisários da natureza narram a história de um tempo escolar vivido de um modo muito singular. As caixas que guardaram os coisários da natureza também foram confeccionadas pelas crianças, auxiliadas por um adulto e elas foram apresentadas ao grupo no nosso último encontro. Cheias de tipos de folhas, galhos, flores, pedras e tudo o que eles acharam durante essas “caçadas” por elementos no decorrer dos trabalhos. As crianças buscaram atentamente em seus locais de vivência tudo que os lembrava a natureza na qual definimos em nossas conversas pós contextualizações, cada um obteve de acordo com seus espaços naturais trazendo uma singularidade única para esse processo de investigação.



Fonte: Arquivo da autora (2021)



Fonte: Arquivo da autora (2021)

A potencialidade deste material convida as crianças a inventarem possibilidades que transcendem o que está posto. Uma folha seca, a partir daqui já não é mais só uma folha seca!

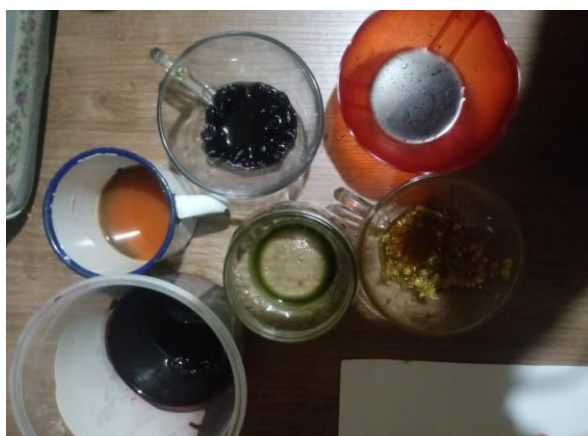
5.1.2 “Minhas cores, meu arco-íris...”

A próxima proposta com certeza foi a favorita de todos, além de ser uma atividade incrível todos tiveram a presença dos responsáveis na tarefa o que a deixou mais afetiva e divertida, através de alimentos e elementos naturais o convite aqui foi o de produzir tintas naturais e fazer pinturas com essas cores produzidas. É importante ressaltar que cada proposta era iniciada com um convite, que enviava após cada encontro com o grupo. Os encontros, como já citado anteriormente, aconteciam sempre as terças e quintas. Os cards eram enviados sempre após os encontros de terça-feira e assim eles tinham até a próxima semana para realizar a proposta. Os encontros das quintas-feiras eram momentos que as crianças narravam seus processos de investigação, e eu como mediadora dessa proposta realizava alguma interação relacionada ao ateliê da semana.



Fonte: Arquivo da autora (2021)

Para contextualizar as crianças sobre cores, foi colocada a música “**A MAGIA DAS CORES**” e então passamos a falar das cores favoritas de cada um e onde podemos achá-las. Também foi realizada um momento de hora do conto com a história “**ELMER O ELEFANTE: AS AVENTURAS DO ELEFANTE COLORIDO**”. A atividade em questão foi feita especialmente para interação das crianças com os responsáveis em casa. O processo de investigação das cores ficou focada principalmente nos alimentos como beterraba, feijão, abóbora que se transformaram em tintas coloridas. As crianças, na grande parte realizaram desenhos e pinturas livres com as suas produções.





Fonte: Arquivo da autora (2021)

5.1.3 “Tudo que eu achei, arte tornei...”

Uma das últimas propostas foi a de produzir tipos de arte com todos os elementos que achássemos. Aqui, o coisário da natureza, primeira proposta desses ateliês foi bastante usado, pois a maioria das produções foram realizadas com materialidades que já faziam parte das coleções das crianças. O convite dessa proposta se dividiu em três momentos:

 <p>Vamos Lá!</p> <p>Minha pedrinha, meu castelo...</p>	<p>Os alunos deverão coletar em suas casas, pátios e sua rua:</p> <p><i>Pedras e produzir uma escultura, uma construção, ou pintar com elas.</i></p>	 <p>Vamos Lá!</p> <p>Minha tela da natureza...</p>	<p>Os alunos deverão coletar em suas casas, pátios e sua rua:</p> <p><i>Folhas e produzir um desenho, uma tela ou pintar com elas.</i></p>
			
<p>Tirem muitas fotos tanto da coleta, como do trabalho, tenho certeza que vai ser lindo.</p> 	 <p>Alguns exemplos de construções com os materiais. (A construção é livre)</p> 	<p>Tirem muitas fotos tanto da coleta como do trabalho, tenho certeza que vai ser lindo.</p> 	 <p>Alguns exemplos de construções com os materiais. (A construção é livre)</p> 

Vamos Lá!

Meus galhos, minha arte...

Os alunos deverão coletar em suas casas, pátios e sua rua:
galhos, cascas de árvore e produzir um desenho ou escultura com eles.



Tirem muitas fotos tanto da coleta como do trabalho, tenho certeza que vai ser lindo.

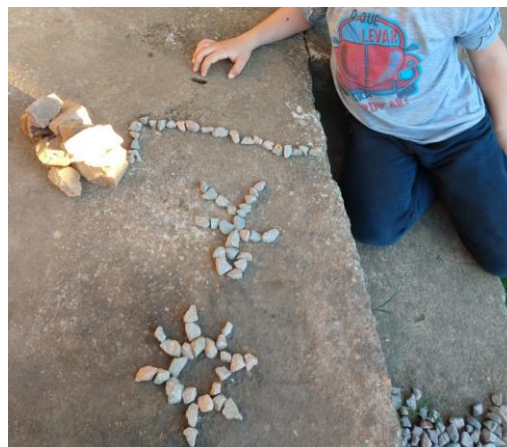
beijo da prof



Alguns exemplos de construções com os materiais.
(A construção é livre)



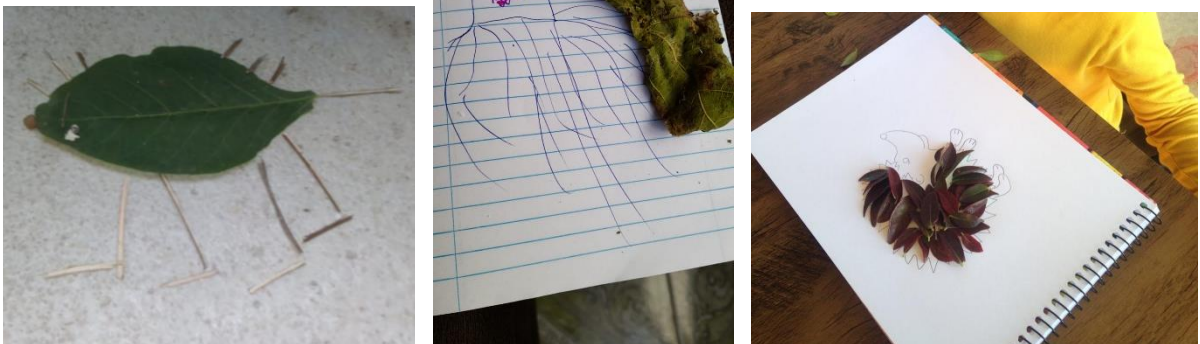
Na proposta “MINHA PEDRINHA, MEU CASTELO...” foram realizadas algumas construções utilizando a materialidade PEDRAS. A inspiração foram esculturas de artistas contemporâneos, e assim as criações rolaram soltas. Não só o processo criativo mas algumas construções de outras áreas do conhecimento se fizeram presente nesta experimentação. Equilíbrio, peso, altura, combinar espessuras... processos complexos mas que realizados de forma criativa e significativa para esse grupo.





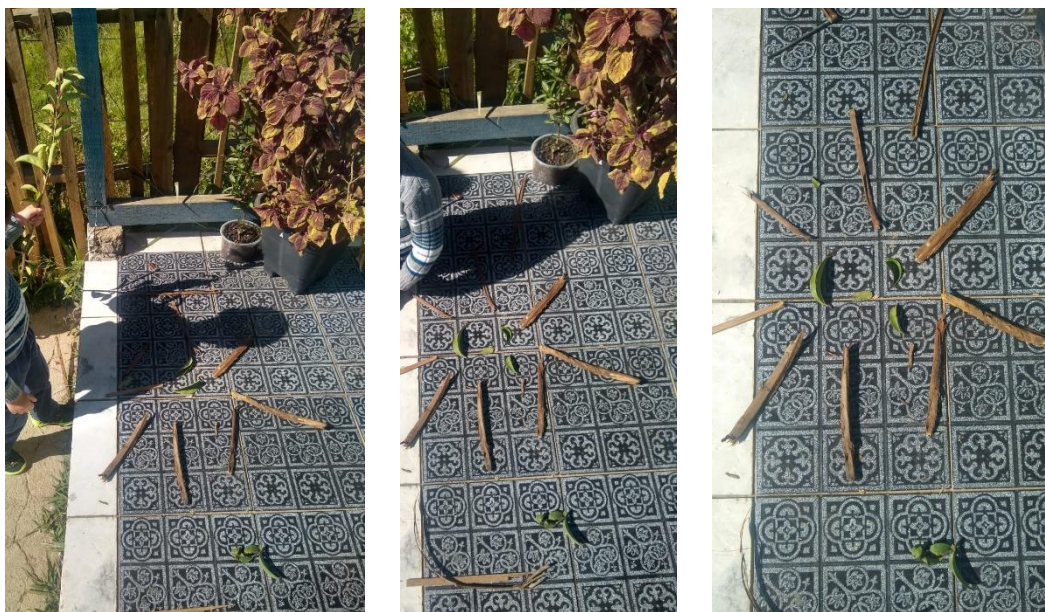
Fonte: Arquivo da autora (2021)

Na proposta “*MINHA TELA DA NATUREZA...*” o convite as crianças foi o de criar em uma folha, tela, papelão, ou outro suporte que preferissem. Aqui surgiram espécies de “bricolagens”. A pintura e a criação com os materiais que compunham seus coisários.



Fonte: Arquivo da autora (2021)

E na última proposta, “*MEUS GALHOS, MINHA ARTE...*” as crianças descobrem a sombra como um elemento que passa a fazer parte do processo de criação.



Fonte: Arquivo da autora (2021)

Aqui, nesse convite com galhos, gravetos as devolutivas vinham cheios de relatos de encontros com diversos tipos de insetos. Lagartas, formigas, cigarras, grilos, sapos. As miudezas dos encontros com o chão!

O interesse da criança por formas, sons, gestos, afazeres, cores, sabores, texturas, assim como suas perguntas sem fim, sua vontade de tudo agarrar e examinar, e seu amor às miniaturas que comportam o grande em menor tamanho, pode ser traduzido por um desejo de se intimar com a vida. Esse desejo embrenha a criança nas coisas existentes. É um intimar para conhecer, pertencer, fazer parte, estar junto daquilo que a constitui como pessoa. (Piorski, 2016, p 63)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito no nosso existir professor... da nossa capacidade docente de ser versátil e que sim, é possível propor um projeto de maneira significativa e obter êxito nos processos de ensino-aprendizagem. Em tempos de pandemia e educação remota aprendi muito a me reinventar, não que não seja algo natural do professor, mas de uma maneira muito diferente cativar alunos e fazê-los ir atrás do seus trabalhos, experimentar e pesquisar sem a minha presença. Esta pesquisa,

realmente foi um desafio e tanto pois a cada encontro, cada fala, cada risada e observação deles fui ficando mais feliz e empolgada com a ideia de que sair do lugar comum e reinventar outros modos de existir docente é possível. O comprometimento por parte dos alunos, pais e professores se faz um diferencial em meio a quaisquer problemas que poderiam surgir.

Após toda uma reflexão sobre esse viver afirmo que uma educação significativa faz toda a diferença, mas o que faz o ensino significativo mesmo são ações e tipos de professores que realizam essas ações com seus alunos. A partir do momento que o professor disponibiliza o seu tempo para pensar fora da caixa, pesquisar, achar novos caminhos para suas ações pedagógicas, mais é possível possibilitar as crianças situações de aprendizagem coladas ao contexto que vivem. Estar sempre ativo, ouvir, falar, produzir novos conhecimentos, novas vivências e experimentações... é sobre mais do sujar ou não a roupa, é sobre ressignificar e significar. É sobre riqueza das imagens expressas nos desenhos, pinturas, narrativas e fabulações. É sobre abrir a janela todo o dia e ter novo olhar para que essa criança se transforme.

Concluo refletindo e acreditando que a potência das crianças está aquém da nossa compreensão.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 23 mar. 2017.

CAMPOS, Kátia Patrício Benevides, OLIVEIRA, Maria das Graças e BOITO, Crislaine. Infância, arte e produção cultural. EDITORA: Z Multi, Estância Velha 2021.

DE DIRETRIZES, Lei. bases da Educação Nacional. 1996.- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

DE SOUZA, Elmara Pereira. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, p. 110-118, 2020.

FIGUEIREDO, FLORA SIPAHI PIRES MARTINS. *Atelieristas: da célula atelier ao corpo atelier*. São Paulo 2015

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Penso Editora, 2012.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HOLM, Anna Marie, *Eco Arte com Crianças*, São Paulo, Ateliê Carambola, 2015.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em Tempos de Pandemia no Brasil: Saberes e fazeres escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020.

ROSA, Daniela Sofia Minhós. *O Lugar dos Materiais Não-estruturados em Creche e Jardim de Infância*. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Pré-escolar, Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Educação, Setúbal - Portugal, 2018. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20042/1/RelatorioDoProjetoDeInvestiga%C3%A7ao.pdf>>. Acesso em: 10 de novembro 2019.

VECCHI, Vea. *Arte y Creatividad en Reggio Emilia – El papel de los talleres em la educación infantil y sus posibilidades*. Madrid: Editora Morata, 2013.

WAJSKOP, Gisela. *O brincar na educação infantil*. **Cadernos de pesquisa**, n. 92, p. 62-69, 1995.

ZANON, SIBÉLIA. *Educando na natureza* [organização Instituto Ecofuturo; coordenação Michele Martins; ilustração Paloma de Farias Portela]. – 1. ed. – São Paulo: Ecofuturo, 2018. [livro eletrônico].

8 ANEXO

Autorização de uso de imagem: <https://forms.gle/KiGzoQNhmPtKUzjCA>